

LILITH: A OUTRA FACE DE EVA*

Isaac Pechansky(1), Porto Alegre
Alda Dorneles de Oliveira(2), Porto Alegre
Ingeborg Magda Bornholdt(2), Porto Alegre
Mery Pomeranclum Wolff(3), Porto Alegre
Tula Bisol Brum(3), Porto Alegre
Antonio Carlos S. Marques da Rosa(4), Porto Alegre

Através de uma personagem mitológica obscura e pouco conhecida, “Lilith”, e de seu contraponto amplamente difundido na cultura ocidental judaico-cristã, “Eva”, paradigma feminino da humanidade, os autores fazem considerações sobre alguns aspectos antagônicos do feminino. Cotejam o interjogo das duas personagens, em suas narrativas míticas, com a narrativa pessoal de uma paciente, através de uma vinheta clínica.

Durante nossas reuniões de estudo sobre a Sexualidade Feminina tivemos a oportunidade de debater sobre vários personagens da clínica, da literatura, da mitologia e de outras expressões artísticas. Nessa trajetória, surgiu a figura mítica e obscura de Lilith como contraponto a Eva, paradigma feminino da humanidade. São personagens que, na verdade, representam, ao nosso ver, funções cindidas do psiquismo feminino. Lilith surge como alguém que condensa em si os aspectos normalmente dissociados de Eva.

Assim, elas convivem, nem sempre em harmonia, no mundo interno das mulheres, no desempenho de papéis diversos e diferenciados, numa tentativa de manter o equilíbrio necessário ao desenvolvimento da mente.

A verdade mitológica

Zimmer (1957), um dos mais eminentes mitólogos da nossa época, dizia: “Ao tratar com símbolos e mitos de tempos remotos, estamos de algum modo, na verdade, falando com nós mesmos – com um aspecto nosso que, no entanto, nos é tão estranho ao ser consciente quanto o interior da terra aos estudantes de geologia. é por isso que a tradição mitológica nos proporciona uma espécie de mapa para a exploração e avaliação dos conteúdos de nosso ser interior, com o qual, conscientemente, nos relacionamos de modo muito ligeiro” (p.211).

Lilith é uma figura que surge em várias mitologias, tais como a sumeriana, babilônica, assíria, cananéia, hebraica e teutônica. A palavra Lilith é derivada da expressão assírio-babilônica “Lilitu”, que quer dizer “espírito do vento”. A fonte mais antiga de que se tem notícia é o “Alfabeto de Ben Sirah” (apud Koltuv, 1986). Essa obra é um midrash, uma meditação sobre os mitos bíblicos, diferentes de seu significado literal – é uma explicação rabínica do Antigo Testamento. Segundo Ben Sirah, que viveu no século VII a.C., “Deus criou Lilith, a primeira mulher, do mesmo modo que havia criado Adão, só que Ele usou sujeira e sedimento impuro em vez de pó ou terra. Adão e Lilith nunca encontraram a paz juntos” (p.38).

Segundo o Zohar (apud Koltuv, 1986), que em hebraico significa “Livro do Esplendor” e é a principal obra da Cabala, Deus teria criado duas grandes luzes, o Sol e a Lua. No início, ambos brilhavam em pé de igualdade, mas disputavam entre si. Para pôr um fim a essa discórdia entre a Lua e o Sol, Deus provocou uma separação, obrigando a Lua a tornar-se menor e sem luz própria, obtendo luz apenas do Sol. “A diminuição da Lua tem como resultado a k’lifah (casca do mal), da qual nasceu Lilith... Da cabeça até o umbigo, ela é uma bela mulher, mas daí para baixo ela é um fogo abrasador. A partir desses mitos do Zohar, vemos que a energia de Lilith deriva do ressentimento e da diminuição da Lua. Ela é sombria, ardente e noturna” (p.20).

Por esta mesma fonte, existem, no Velho Testamento, duas versões discrepantes sobre o surgimento da mulher. Na primeira delas, “Jeová cria Adão como um ser andrógino, com dois rostos, cada um voltado para uma direção. Mais tarde o Senhor serrou Adão em dois e deu-lhe duas costas, uma para cada um dos rostos. Lilith é a fêmea de Adão ou Adamah, a palavra hebraica feminina que designa terra ou chão. Assim, tanto o homem como a mulher provêm da mãe terra, moldados por Deus” (p.28).

A segunda versão começa com Adão vivendo só: “A unicidade de Adão é uma afronta a Deus, pois só Ele pode ser Uno. Jeová Deus então criou todos os animais selvagens e todos os pássaros do céu. O homem nomeou todas essas criaturas, mas nenhuma ajudante adequada para o homem foi criada para ele. Jeová Deus cria então uma companheira de sua costela e a reveste de carne. Adão chamou a esta companheira de mulher e deu-lhe o nome de Eva, pois ela seria a mãe de todos os que vivem” (p.28).

Existem diferentes versões quanto a quem teria sido a primeira mulher de Adão. Para Unterman (1991), “Eva estava ligada a Adão costa com costa, como um Andrógino, e foi depois separada, já que Adão precisava de uma companheira que ele pudesse encontrar face a face” (p.95).

Segundo a lenda do Zohar, Lilith é a primeira esposa de Adão e, como ele, Deus a fez com a mesma terra. Embora essa possa ser considerada como uma das versões centrais sobre o mito de Lilith, muitas lendas e mitos foram concebidos a partir de outras fontes mitológicas, em diferentes momentos. Todas, entretanto, são unânimes em afirmar que Lilith foi a primeira mulher de Adão e que, portanto, precedeu Eva.

Após essas considerações, chama a atenção que uma figura tão importante como Lilith na origem mítica da humanidade, já que é a primeira mulher, tenha sido excluída da literatura ocidental e da Bíblia Sagrada, onde é citada apenas uma única vez (Isaías 34:14), ainda assim de forma indireta. Por que teria sido ela banida, se, na sua origem, foi comparada a um astro da mesma grandeza do Sol? Talvez possamos encontrar a resposta à medida que formos tomando conhecimento das vicissitudes pelas quais passou essa controversa personagem.

Na versão de Lilith como primeira mulher, ela é caracterizada como alguém que exige igualdade, recusando-se a ser mera “terra” para Adão e a deitar por baixo dele na relação sexual. Quando sua reivindicação não é aceita, ela profere o inefável nome de Deus e foge. Passa a viver em cavernas do deserto, às margens do Mar Vermelho, gerando diariamente centenas de

bebês demoníacos de seu casamento com Samael, o diabo. Durante seu exílio nesses locais, Lilith torna-se um ser demoníaco, uma assassina de crianças e vampira que rouba o sêmen dos homens adormecidos, entrando em seus sonhos e produzindo-lhes poluções noturnas.

Adão ajoelha-se perante Deus e queixa-se de Lilith, que o abandonara. Ele, então, envia três anjos ao Mar Vermelho, a fim de trazê-la de volta, ameaçando eliminar cem filhos demoníacos por dia. Lilith assume o compromisso de poupar aqueles bebês em cujas casas encontre um amuleto com a imagem dos três anjos. Um lendário costume judeu advertia que, quando uma mulher está parindo, se escreva sobre o muro as seguintes palavras: “Que Adão e Eva estejam aqui; que Lilith esteja fora”; se uma criança ri durante a noite do Shabat ou da lua nova, é um sinal de que Lilith se diverte com ela (Unterman, 1991).

Segundo Koltuv (1986), “toda a mitologia a respeito de Lilith é repleta de imagens de humilhação, diminuição, fuga e desolação, sucedidas por uma profunda raiva e vingança, na pele de uma mulher sedutora e assassina de crianças”. É preciso ressaltar, porém, que antes da fuga Lilith era pura, possuía um brilho próprio e foi feita da mesma matéria que Adão para ser sua primeira e legítima companheira.

Ora, se tudo indica que Lilith foi a primeira e legítima mulher de Adão, por que houve a necessidade de destituí-la dessa posição original e em seu lugar colocar Eva? Essa origem aparentemente confusa de quem seria a primeira mulher, Eva ou Lilith, na verdade está indicando que poderia se tratar de uma única personagem, dissociada. Enquanto a parte Eva representa a inocência e a pureza, Lilith, a serpente, seria a portadora dos aspectos maus e enganadores, que induziram Eva ao pecado original. A História encarregou-se de traçar o destino das duas, marcadas por essa contradição do bem e do mal, através de personificações bíblicas e míticas que reforçam essas características. Assim, Lilith reaparece como o Demônio da Sexta-feira, a Lua Negra, o primeiro Vampiro da História, a Serpente do Paraíso, entre outras representações. Em contraste, Eva, em nenhum momento, perde seu atributo de ter sido a mãe da raça humana, após ser criada para a companhia de Adão. Pelo contrário, a Igreja Católica, no *Lumen gentium*, diz: “Maria, a nova Eva, livremente obedeceu a Deus”.¹

A necessidade de retirar de Eva a responsabilidade pelo pecado original, o que foi atribuído a Lilith – serpente, indica que existe aí um processo de dissociação e projeção, encobrendo a existência de aspectos antagônicos de uma mesma personagem.

A verdade clínica

Os fragmentos da seguinte vinheta clínica permitem fazer algumas reflexões sobre aspectos presentes nos conflitos do desenvolvimento emocional infantil, tendo por cenário a relação mãe-filha. Tal cenário, representativo do mundo interno, é revelador da problemática que ocorre quando aquilo que cada criança precisa elaborar no desenvolvimento normal é obstaculizado pela desintegração dos aspectos bons e maus do objeto e do self.

Bárbara, uma menina de seis anos, vem para tratamento por uma série de condutas que a desadaptam em casa e na escola. Em casa é muito agressiva, sobretudo com a mãe. Costuma gritar e impor suas vontades, tentando mesmo bater e morder a mãe. Na escola apresenta condutas fóbicas, vomita de ansiedade e em muitas ocasiões não consegue entrar. Quando entra, arma um sistema defensivo com o qual interage com as outras crianças, sendo especialmente arrogante, onipotente e agressiva, em especial com aquelas a quem imagina “mais fracas”.

Da história clínica destaca-se uma relação extremamente ambivalente compartilhada por mãe e filha. De um lado, encontra-se Bárbara natural e completamente dependente de ser cuidada pela sua mãe; é impulsiva e desafiadora. De outro lado, encontra-se a mãe. Percebeu o nascimento de Bárbara como um furto da própria liberdade e beleza física. Tenta amamentá-la, mas sente ser “sugada” pela filha, suspendendo a tentativa.

Sigamos o veio de onde brota a agressividade de Bárbara: os aspectos mal elaborados da própria incontinência, retroalimentados pela pouca capacidade de continência da mãe. Bárbara depara-se com a mãe-Lilith, não na agressividade dessa, mas na impossibilidade da mãe de exercer uma função continente para a filha. Tal dificuldade materna é vivida por Bárbara, pequena e dependente, como rechaço e, portanto, perigo à sobrevivência. Como Lilith, Bárbara não aceita a submissão; reage, mesmo que tenha que habitar nas trevas. Rapidamente, Bárbara parece identificar-se com os aspectos Lilith projetados (rouba, suga e ameaça matar a mãe). Quando a suga torna-se, na representação mental da mãe, a Lilith-vampira.

As demandas do bebê são vivenciadas como “ataques” dos quais a mãe se defende, evitando-a justamente nas situações em que é mais necessária para tranquilizá-la e para neutralizar as vivências persecutórias e angustiantes de Bárbara. Ao mesmo tempo, mãe e filha permanecem juntas durante o dia todo: “Ela não é só uma sombra atrás de mim, é um peso!”, queixa-se Lilith adulta.

Foi-se configurando no psiquismo da menina algo que revisita constantemente a relação com um objeto potencialmente perigoso, com quem Bárbara literalmente luta, no empenho da construção de uma identidade feminina própria.

Gradativamente, a menina passa a enfeitar-se, em franca disputa e tentativa de triunfo sobre a mãe: usa roupas femininas ousadas e sedutoras. Torna-se uma criança fantasiada de mulher adulta, sensual e provocante. Bárbara exige roupas caras, que ganha em abundância. Ocorre uma identificação com o agressor, e Bárbara se torna a Lilith ameaçadora. A fragilidade e insegurança interna da paciente ficam encobertas sob o manto da arrogância, competição e triunfo, atuados depois na escola. Na repetição dessas relações, no consultório e na transferência, desdobram-se constantes atuações e dramatizações da luta travada no mundo interno.

Em uma sessão, Bárbara brinca que prepara café para vários bonecos da sua caixa. Senta-os à mesa e é aparentemente gentil com esses personagens, servindo-os como gostam. Vira-se para a analista, agora com nova expressão facial, olhos brilhantes e triunfantes, como se fosse outro personagem (Lilith), e diz: “... as crianças não sabem. Imbecis, vão tomar café com bicho dentro. Vão ser comidos por dentro!”. Vira-se de novo para os bonecos e, com um sorriso e voz suave, pergunta: “... aceitam mais um pouco de café?”.

Lilith entra em ação e mata crianças. Serão “comidas por dentro”. A paciente assume as fantasias de matar as crianças e representa plasticamente a formação reativa que também capta na mãe. Ao atuar seu aspecto Lilith, transforma-se em assassina de crianças e vampira. Tal como Lilith rouba o sêmen dos homens e gera bebês demoníacos, Bárbara apossa-se das interpretações, atacando-as e transforma a função analítica, assim como os cuidados maternos, em deboches.

Em outra sessão, brinca que é uma bruxa fantasiada de motorista escolar. Vai recolher crianças pela cidade. De fato, vai largá-

las dentro de um hospital. Convida a analista, que deve representar um dos personagens engendrados em seu mundo interno, para visitá-la em sua casa “muito chique”. Lá, oferece uma deliciosa torta e gostosos sucos. A analista-visita ingere as guloseimas e vai-se alimentando de pequenos bichos que, crescendo dentro de sua barriga, irão “comê-la toda e matá-la”.

Podemos seguir acompanhando a evolução das fantasias de Bárbara. O que se observa é a falta de equilíbrio entre as fantasias agressivas e as amorosas, cujo resultado é o caminho para a morte tramada atrás da capa “chique, deliciosa e gostosa”.

Gradativamente, surgem pequenas tentativas de integrar esses aspectos antagônicos. Lilith e Eva movimentam-se em direção uma à outra, todavia ainda não se integram.

Há ocasiões em que solicita à analista que personifique o aspecto mau. Ela deve fazer “bruxarias”. Mas a analista-bruxa-mãe-má-Lilith não está completamente cindida e desintegrada dos aspectos da mãe boa. Assim, a personagem bruxa-analista é também “amiga da Cinderela”. A Cinderela-mãe-bo-Eva faz um contraponto à bruxa que, todavia, ainda vence e acaba matando as crianças.

Em outra dramatização dos conflitos internos, constrói um restaurante na sala de jogos. Ela será o garçom e a analista uma cliente que vem banquetear-se. A cliente deve fazer seu pedido e aguardar, enquanto imagina as delícias que serão servidas. O garçom, no entanto, serve “comida podre”, que faz a cliente desmaiar. Assim, o garçom se revela: de fato, é um assassino que agora rouba os bens de sua vítima.

Os aspectos amorosos e bons, tanto os próprios quanto os do objeto, acabam sendo seqüestrados por essas tendências sádicas e más. Tal parte má e terrorífica do self e do objeto ainda domina Bárbara, permeia a relação com o objeto interno e é constantemente reativada e atuada na transferência e também nas relações externas.

Bárbara e Lilith assemelham-se em suas histórias. Ambas são cheias de conteúdos pulsantes que buscam espaços. Quando Bárbara convida a analista para visitar sua “casa muito chique”, abre as portas para conhecermos seu mundo, onde habita uma personagem que nos evoca Lilith. Ambas nos conduzem aos primórdios da vida.

Como se sabe, o ser humano é totalmente dependente de cuidados no início de seu desenvolvimento. Sua mente carrega um instinto, ou impulso, em direção à vida bem como em direção à destruição (Freud, 1940 [1938]). Não se encontra física e mentalmente em condições de dar conta disso sozinho. “ Falta em grande medida, coesão ao ego arcaico e... uma tendência à integração se alterna com uma tendência à desintegração...” (Klein, 1946, p.23). Assim, a criança precisa, para crescer, ingerir “tortas e sucos gostosos” de uma boa mãe, para que possa dar conta da ambivalência de suas pulsões.

Em sua estruturação, o aparelho psíquico percorre diferentes etapas, desde uma descarga via arco reflexo, passando por uma maior organização das pulsões de autoconservação até a possibilidade de investi-la em órgãos e originar um processo representacional (Roitman, 1996). é a partir desse processo representacional que a criança passa a se relacionar com os objetos, tanto internos quanto externos. é exatamente esse aparelho psíquico do início da vida que se encontra, até mesmo para poder sobreviver, sob o domínio da onipotência e onisciência, capacidades que são de deuses, demônios, Eva, Lilith, bruxas e Cinderelas.

Na luta inicial pela sobrevivência, o ego arcaico procura cindir e expulsar a agressão, jogando-a para fora, para o objeto. A criança necessita desse objeto para proteger seu próprio ego, para conter sua agressividade e desenvolver formas de enfrentamento da agressão. No relacionamento com a mãe, busca viver o que se passa em seu mundo interno, e a participação da mãe deve conter toda essa gama de sentimentos e devolvê-los transformados, semelhante à relação analítica, que é compartilhada, mas assimétrica. Em condições saudáveis, há uma tolerância de “bruxas” e “Cinderelas”. A mãe sabe que as crianças crescem, e isso passa a fazer parte de suas lembranças. A criança, entretanto, ainda não sabe e depende do resultado dessa relação para descobri-lo. Se a criança, porém, não pode viver plenamente a dependência de um objeto externo bom, ou se não pode reconhecê-lo, isso aciona nela tendências tirânicas. Tende, então, à predominância da relação com a parte má do self.

Lilith ameaça a vida das crianças, como está ocorrendo com Bárbara. Ela precisa da mãe, assim como agora de sua analista. Esta deve fazer “bruxarias”; deve ser “Lilith”. Precisa ser capaz de sustentar dentro de si o “assassino” e o “ladrão”, ambos necessitados dos “bens”. é uma história a ser vivida tantas vezes quantas forem necessárias. Assim, vão acontecendo muitos “banquetes” de “comidas podres”. Para fazer frente à “bruxa”, Bárbara utiliza-se da Cinderela, precisa dela. Da mesma forma como na estória de Lilith, existe a Eva.

Na história em andamento, no mundo interno de Bárbara, a parte Cinderela ainda sucumbe. Nas identificações transgeracionais, os bebês que nascem podem representar continuidade e integração, ou ainda “vampiros” e “ladrões”, em uma grande gama de aspectos a serem elaborados e integrados.

Na sexualidade arcaica as fantasias agressivas se sobrepõem e as ansiedades persecutórias em relação aos objetos internos e externos predominam. As relações sexuais são vividas oralmente, como uma cena primária canibalesca (Heimann, 1952). Assim, a analista e os bonecos da caixa de brinquedos de Bárbara são seduzidos por uma menina falsamente gentil, levados a ingerir bichos e “... vão ser comidos por dentro”. Essa interpretação canibalesca da relação diádica e cena primária é terrorífica e conduz ao medo da morte dos pais e da própria criança.

Na verdade, uma só

Existe uma crença popular inglesa (Koltuv, 1986) que reforça a idéia de que seriam ambas, Eva e Lilith, a mesma pessoa. Os lírios, segundo essa lenda, originam-se de lágrimas que Eva deixou cair ao chão ao ser expulsa do paraíso e que simbolizam a pureza de Eva. Chama a atenção que o nome da flor em Inglês, “lily”, é quase idêntico ao de Lilith.

Outra evidência dessa unicidade é encontrada na estatuária sacra da Idade Média. Na mentalidade medieval do século XV, Lilith e Eva estavam associadas de tal modo em sua propensão para o pecado que eram freqüentemente moldadas em pedestais para estátuas da Virgem e o Menino, com a Virgem representando a nova Eva (Koltuv, 1986, p.91). Na arte sacra da época, encontramos nesses pedestais as imagens de Eva e Lilith, esta com rosto de mulher e corpo de serpente, enquanto Eva morde o fruto proibido.

Há uma parábola moderna (Jakov Lind, apud Koltuv, 1986) que ilustra, de forma poética e inequívoca, o quanto Eva e Lilith, no

desempenho de papéis tão distintos, são, na verdade, uma só:

Houve certa vez um homem que sofreu o assédio de Lilith. O demônio tinha se disfarçado com as roupas de uma mulher comum, humilde e agradável, e foi visitar Adão quando este se encontrava sozinho.

Por que está sozinho?, perguntou Lilith. Onde está a sua mulher, aquela que tomou o meu lugar?

Saiu, foi visitar alguns parentes, mas voltará logo. Ela não vai gostar de vê-la aqui, pois tem medo de você.

Por que minha irmã teria medo de mim?, perguntou Lilith. Sou tão humilde quanto ela. Amo meus pais e meus filhos tanto quanto ela. Mas não penso como ela; nossa diferença oculta-se em nossa mente, não em nossos corpos.

Acredito em você, disse Adão, e eu a amo, mas tenho necessidade de uma vida tranqüila.

Está bem, disse Lilith, viva a sua vida tranqüila. Mas eu sou a sua outra mulher e não o deixarei; eu o amarei como sempre o amei.

Adão fitou-a nos olhos e não disse mais nada. Os olhos dela eram como duas portas escancaradas que davam acesso a um mundo do qual ele já se esquecera; e Adão penetrou nesse mundo.

Quando Eva retornou, encontrou seus corpos e suas bocas unidas. Lilith e Adão estão juntos, ela pensou. Hospede-se em minha casa, irmã. Eu lhe trarei sua refeição na cama. Ela lhes trouxe comida e bebida na cama, retirou-se para um canto mais afastado da casa e se agachou junto ao fogão a fim de se manter aquecida; entrou em transe. Abandonou seu próprio corpo e entrou no corpo de sua irmã Lilith; desse modo, abraçou e beijou Adão, e o sentiu amando-a como nunca sentira até então.

Mas eu sou a sua Eva, disse Lilith. Por que está me amando tão apaixonadamente? Você nunca me amou antes com tanta paixão.

Adão riu e disse: Você partirá ao amanhecer e não a verei mais por um bom tempo. Se ajo apaixonadamente é porque nossa felicidade é curta.

Como pode dizer isso?, perguntou Lilith. Estarei aqui amanhã e depois de amanhã e todos os dias até o fim da sua vida. Por que você está me amando tão apaixonadamente? Pensa que sou aquela que pareço ser? Eu sou Eva e estou falando pela boca de minha irmã.

Você está brincando, disse Adão, rindo; sei que você partirá ao amanhecer e não retornará durante um bom tempo.

Lilith, que agora era Eva, beijou-o e disse: Quem me dera fosse assim, mas não posso deixá-lo. Ficarei com você, porque você está incendiado de desejos por esta outra mulher cujo corpo, de agora em diante, será meu. Olhe-me atentamente e diga-me se você não vê que sou Eva, sua esposa?

Eva está sentada naquele canto, disse Adão. Mas quando voltou o rosto nessa direção, nada havia ali, a não ser as chamas do fogão.

A verdade psicológica, uma busca

Do interminável enfrentamento das forças construtivas, das quais derivam amor e união, e das destrutivas, com os conseqüentes desatrelamentos e morte, emerge o desenvolvimento do psiquismo.

Nos primórdios da infância do indivíduo e da sociedade, os processos dissociativos predominam. O bom e o mau tendem a ser apartados e atribuídos a diferentes entidades, não integradas. A criança inicia projetando ora aspectos bons, ora maus, no objeto-mãe. Carece, no enfoque kleiniano, de tempo e trabalho de elaboração para atingir a posição depressiva e a partir dela unir e integrar aspectos bons e maus, de si e do objeto.

Tal fenômeno reproduz-se na sociedade, que também tende a classificar em categorias valorizadas e idealizadas de um lado e ameaçadoras e más de outro, sua concepção de personagens, de partidos, de instituições, de nações inteiras e assim por diante. As lendas e mitos, formas primitivas de concepção do mundo, registram e repetem essa tendência.

Dessa forma, Eva representa a mãe boa. Eva é aceita, é conhecida da humanidade. Eva aconchega, recebe, liga, cuida e é idealizada. Lilith é ameaçadora e provoca ansiedades persecutórias, pois mata, rouba, desfaz. É a mãe má da qual a humanidade quer se livrar. E de fato, embora anterior à Eva, é uma versão pouco conhecida do feminino.

Sabe-se que dos conflitos pode surgir tanto a patologia quanto a saúde. Crescer, ter acesso ao conhecimento é algo que move tanto Bárbara quanto Lilith-Eva. A curiosidade não intrusiva está na base desse movimento inquietante e que nos dirige para uma única direção: a busca da verdade psicológica, quaisquer que sejam seus percalços. Seguidamente somos tentados a interromper essa caminhada, tantos são os tropeços a expor angústias e aflições de nossos próprios mitos que, na verdade, revisitam os mitos universais. Quantas vezes a incerteza e a ignorância, como verdadeiros látigos do narcisismo humano, ao invés de se constituírem em estímulos no caminho da verdade, juntam-se aos nossos conflitos e assim, aliados, obscurecem a visão necessária para esse trabalho sempre árduo. Lilith e Eva são duas verdades de uma só, e de cada um de nós mesmos, constatação nada fácil de aceitar. Não é esta a finalidade maior da ciência psicanalítica, apesar dos limites impostos pela natureza humana?

Summary

Through an obscure and little known mythological character, "Lilith", and her widely spread out counterpart in the Jewish-Christian western culture, "Eve", the humankind feminine paradigm, the authors produce considerations on some aspects of the femaleness antithetical aspects. They compare the interplay between these two characters, through their mythic narratives, with a patient's personal narrative, through a clinical vignette.

Referências

Freud, S. (1940 [1938]). Esboço de psicanálise. E.S.B., vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
Heimann, P. (1952). Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In: Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.
Klein, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
Koltuv, B. (1986). O Livro de Lilith. São Paulo: Cultrix, 1997.
Roitman, C. (1996). Narcisismo primario – Entramado pulsional y yoico en la infancia temprana. Revista de Psicoanálisis. Tomo LIII, nº 4, out-dec 1996.
Unterman, A. (1991). Dicionário Judaico de Ciências e Tradições. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
Zimmer, H. (1957). A conquista psicológica do mal. São Paulo: Palas Athena, 1988.

Isaac Pechansky
Rua Sinimbu, 129
90470-470 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA

* Trabalho resultante da discussão em um Grupo de Estudos sobre a Sexualidade Feminina durante o ano de 1998. Apresentado na SPPA em 07/10/99.

(1) Membro Efetivo da SPPA e Coordenador do Grupo de Estudos.

(2) Membro Associado da SPPA.

(3) Graduada do Instituto de Psicanálise da SPPA.

(4) Psiquiatra.

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)